

POLÍTICA E ESPETÁCULO: O PAPEL DO RÁDIO NAS ELEIÇÕES DE UBERLÂNDIA EM 1958

Regma Maria dos Santos ¹

Resumo:

Pretendemos, neste texto, construir algumas reflexões sobre a relação entre os aparatos técnicos da modernidade, em especial o rádio, e a formação de personagens políticos, como o candidato a prefeito, na cidade de Uberlândia, em 1958, Geraldo Ladeira. Interessa-nos compreender o discurso desse candidato, mediado pelo rádio e pela prática política por ele implementada em seu governo.

Résume:

On prétend, dans ce text, construire quelques réflexions sur les relations entre les appareils techniques de la modernité, en special la radio, e la formation de personnages politiques, comme le candidat à Maire, à la ville de Uberlândia, em 1958, Geraldo Ladeira. Interesse à nous comprendre le discours de ce candidat concilie par la radio et la pratique politique par lui implémentées dans son gouvernement.

Ao procurar tecer algumas considerações sobre a relação entre os aparatos técnicos da modernidade - no caso específico, o rádio - e a formação de personagens cujo discurso assume tonalidade política e cuja prática é agora assimilada ao social, percebemos que se forma, em meados do século XX, uma nova concepção de política, estabelecendo-se, conseqüentemente, novas relações de poder.

Podemos compreender a configuração dessa prática a partir da campanha política que elegeu Geraldo Mota Batista², candidato a prefeito de Uberlândia, em 1958, pelo Partido Republicano.

A campanha eleitoral de Geraldo Ladeira foi considerada a mais original de Minas Gerais no ano de 1958. Isto, devido ao alcance popular de seus *slogans* e de sua forma original de fazer comícios, como um programa de auditório.

¹ Professora Adjunta do Curso de História da UFG em Catalão. Coordenadora do NIESC- Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos Culturais. Organizadora do livro *Brevidades – Crônicas de Lyçídio Paes* editado pela EDUC/Oficina de Livro de São Paulo e autora do livro *Memórias de um plumitivo*, publicado pela Editora Aspectus/FUNAPE, 2005.

² Geraldo Mota Batista, mais conhecido como Geraldo Ladeira (numa referência ao famoso César Ladeira), era radialista e dono da Rádio Difusora de Uberlândia, além de outras emissoras em Goiás. Nasceu em Campinas - São Paulo, mudou-se para Uberlândia onde se casou e estabeleceu-se como empresário e político.

Podemos dizer que este homem transforma-se em personagem e assume o papel de personalidade política, só o conseguindo por utilizar – e saber utilizar – os recursos que possuía como dono de uma rede de emissoras de rádio e de seu carisma pessoal.

Talvez por se candidatar num período de descrédito político, sua marca personalista chama atenção e vem comprovar o que no período já era analisado nas colunas dos jornais locais.

O personalismo é o traço mais firme da política brasileira da hora presente. O culto do Eu e a defesa dos interesses pessoais tornaram-se de tal modo predominante, que surgiram os graves choques entre correligionários, que a (sic) medida que brigavam e se detravavam reciprocamente, (sic) um povo cujas desgraças e tormentas mais crescem, mais se avolumam com o passar dos tempos. (Política personalista. O Repórter, 19/03/1958).

O autor Richard Sennett, ao analisar o declínio de uma cultura pública, chama atenção para a contribuição que os meios de comunicação de massa têm dado no sentido de provocar este declínio, afirmando sua capacidade paradoxal de divulgar infinitamente o conhecimento das questões sociais às pessoas e, ao mesmo tempo, inibir a capacidade de converterem este saber em prática e ação política. Afirma, contudo, a necessidade de:

entender como os meios de comunicação eletrônica tomaram os termos do século XIX – onde um orador nas ruas deveria lidar com uma multidão de estranhos – e fizeram com que esses termos não mais se limitassem a reuniões urbanas, mas predominassem nos negócios nacionais e internacionais.

Continuando seu pensamento pondera que:

No Antigo Regime, existia uma ponte entre aquilo que era acreditável no palco e aquilo que era acreditável na vida de todos os dias. Pode parecer que a percepção da figura pública, em termos de personalidade, seja uma nova forma

de ponte entre palco e ruas; de fato, o impacto da televisão na política é discutido habitualmente em termos de que o político deve se comportar como se fosse um ator. (Sennet, 1988:344-50)

Considerando este chavão verdadeiro em um aspecto e enganoso em outro, Sennett(1988) afirma que o conteúdo da política está estreitado pela personalidade do político, seus sentimentos, suas motivações, sua “integridade”; o que não ocorre com os artistas quando se apresentam em público e são percebidos como formadores de uma personalidade.

Michel Maffesoli, no entanto, amplia essas considerações observando que todos os aspectos do social são marcados pelo selo do teatral, mesmo os mais racionais e mais sérios. O fio condutor da teatralidade pode ser encontrado na política, na imprensa, na rua e até no espaço tão extenso da cozinha. Nesse sentido, existe uma relação estreita entre o dramático e o cotidiano(Maffesoli, 1984:131).

Eis aqui o que se apresenta como um problema ligado à relação entre o público e o privado, tratando-se do meio de comunicação que revela o político como personagem. Após 1945, com o processo de redemocratização, diversos candidatos a cargos eleitorais eram homens de imprensa, especialmente do rádio. Isso significa que Geraldo Ladeira não é fenômeno único, mas representa uma singularidade na história política brasileira.

Não é fato novo que homens públicos utilizassem os meios de comunicação como forma de veicular sua imagem e o conteúdo ideológico de suas propostas políticas, como Hitler, Getúlio Vargas, e o próprio Collor de Melo. Nesse caso específico é preciso se ater para o fato de que o homem de rádio é quem se propôs a ser um político.

As estratégias que utilizou para ingressar na vida pública foram as mais variadas. No entanto, fica claro seu apelo às práticas de apadrinhamento e convencimento por meio da proximidade, utilizando, em seus programas de rádio, uma linguagem popular expressa cotidianamente. O que se justifica quando se considera a existência de uma linguagem especificamente radiofônica, como expõe Mário de Andrade:

Ora, existe a linguagem do rádio também. O simples problema de alcançar o maior número de pessoas, de lhes ser acessível e as convencer a todas, obriga o rádio a uma linguagem mista, complexa, de um sabor todo especial, a começar pelo ‘Amigo ouvinte’ que da linguagem dos

púlpitos passa para a do rádio. Uma observação: hoje todo rádio brasileiro (pelo menos o carioca) emprega o 'você' em relação ao ouvinte. Não parece absurdo? Qualquer acadêmico se arrepiará com essa familiaridade quase ofensiva com que o 'speaker' se dirige a pessoas que não conhece. Mas foram as exigências mesmas da radiofonia que levaram a generalização do você como forma de tratamento radiofônico. Foram as exigências de alcançar o maior número de pessoas de todas as classes, foram as exigências de simpatizar, as de familiaridade, etc. (Andrade, 1972:178).

Além da familiaridade da linguagem praticada no rádio, o aspecto assistencialista é também destacado por Geraldo Ladeira em suas atividades políticas, seja patrocinando campeonatos de futebol, seja conseguindo leite em pó para crianças pobres.

O Vereador Geraldo Ladeira Mota Batista, candidato a prefeito deste município, pelo Partido Republicano, acaba de regressar da Capital do Estado, onde conseguiu, graças ao seu prestígio e boas intenções junto à Secretaria de Educação 1700 quilos de leite em pó, para serem distribuídos com os seguintes estabelecimentos e entidades. (Ladeira consegue leite em pó para crianças pobres. O Repórter, 23/08/1958).

Podemos considerar Geraldo Ladeira um populista, no sentido conceitual do termo que envolve tanto uma ideologia como uma prática política, como afirma Armando Boito Jr.:

O conceito de populismo refere-se a dois aspectos indissociáveis. De um lado, o populismo é uma ideologia política (uma determinada concepção de classe do Estado) e, de outro lado, o populismo é uma prática política. Nós podemos falar, então, em ideologia populista e em política populista. (Boito Jr., 1982:121).

No âmbito da política nacional, os anos 50, do século XX podem ser considerados os anos de ouro do 'populismo', representado por lideranças como Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Essas lideranças exerceram, cada qual a seu modo, estilos diversos de 'populismos'. Juscelino ficou conhecido e lembrado por ser o construtor

de Brasília, o criador do ‘plano de metas’, nome de automóvel, e adorar dançar. Era o ‘presidente bossa-nova’. Sua popularidade cresce com a resistência aos militares, sua cassação política e o trágico acidente que o levou à morte. Nesse sentido, conforme Ângela de Castro Gomes:

O populismo, portanto, seria a mais perfeita tradução do renovado dilema de nosso processo de modernização política, permitindo entender não só os ‘limites’ da experiência liberal-democrática inaugurada em 1946 como as condições que geraram o movimento militar de 1964.(Gomes, 1998:550-1).

Geraldo Ladeira, numa dimensão política local, fez-se reconhecer, seja enquanto político, seja como pessoa. E talvez seja essa uma das marcas de sua carreira política, sabia articular-se no terreno movediço da vida pública e da vida pessoal. Ao teatralizar o cotidiano nas suas incursões pelo rádio, imprimia um caráter de ficção à própria realidade. Mas, conforme explicita Michel Maffessoli, dizer que o político insere-se em uma função teatral não significa invalidá-lo, a priori, mas reconhecer a importância do seu papel social.(1984: 143)

Portanto, compete-nos reconhecer o papel por ele desempenhado nesse momento particular da história, seja através do discurso, seja através de uma prática política.

O discurso político

Os comícios representavam o ponto alto das discussões políticas na década de 1950, com a redemocratização e a criação de novos partidos políticos. Há muito, no entanto, os políticos já haviam descoberto o gosto popular pelos comícios como ressalta Maria Victória M. Benevides:

E segundo Carlos Lacerda, a ‘Caravana da Liberdade’ já foi o momento popular da UDN, que partia para o interior, usando as velhas técnicas do PSD. O povo gostava de comícios [...] ‘era a primeira vez que ouviam um sujeito da UDN falando matuto e com ar de povo’. A gente levava de quebra o Tenório, que entusiasmava as massas, contando aquelas histórias e com aquela capa... Aí começou, realmente um diálogo povo/UDN. (Benevides, 1981:105).

O rádio e o jornal, na cidade de Uberlândia, complementavam esses eventos dando notícias dos últimos acontecimentos, informando o horário e o local dos comícios e até mesmo, de acordo com a preferência de cada jornal, dando valor específico ao seu candidato.

Vejamos como era sarcasticamente discutida a campanha eleitoral no período:

Na cidade, como os sapos na beira de uma lagoa, os candidatos cantam seus slogans: ‘Honestidade e ação’; ‘Trabalho a serviço do povo’; ‘Um homem a serviço do povo’; ‘Um homem de passado honesto’; ‘Liberdade e democracia’; ‘Pelo povo e para o povo’; ‘Chega de roubos e mentiras’; [...] Num comício, sem a presença dos candidatos, o povo em cântico: Nós queremos votar certo, e votar certo, é votar em quem merece. Nós estamos fartos de demagogia; de conversa fiada, de lero-lero e companhia. (Gastão Batinga. Tempo de eleição. Correio de Uberlândia. 28/08/1958).

Os comícios, denominados *meetings* políticos, cuja tradução literal quer dizer encontro, reunião, assembléia, concentração, iniciaram-se em meados do ano de 1958, ou seja, quase três meses antes da eleição de outubro. Este fato é notado pelo jornal *O Repórter*:

Alguns partidos locais, alias, os tidos e conhecidos como os mais poderosos [...] continuam arredios em relação às reuniões e falatórios de praça pública [...] Aliás, isto não implicava, consoante escreveu alguém, que emprestemos aos comícios alguma importância séria, sobretudo do ponto de vista eleitoral. Na maioria dos casos, o povo comparece a estes encontros ruidosos, como estacionam numa praça para ver o homem que engole espadas, ou ‘camelot’ que anuncia o elixir da longa vida. (Os comícios políticos. Jornal *O Repórter*, 30/07/1958).

O comício é, nesse sentido, apenas mais um espetáculo que se faz no espaço público. Momento em que os candidatos expressavam particularmente suas convicções políticas e apresentavam suas plataformas eleitorais, o comício era tido, pois, como o lugar específico das promessas demagógicas. Lembram os adversários, que os eleitores não devem ser enganados pelas promessas de palanque:

Agora, para políticos da cidade e ‘paraquedistas’ o término da Escola Vocacional é expressão freqüente nos ‘meeting’ de praça pública. Isto porque, falta pouco mais de um mês para o três de outubro e é preciso estar agarrado a alguma coisa para poder guindar-se a um porto qualquer, mesmo que seja à custa de uma mentira deslavada. (Política e demagogia: Escola Vocacional – argumento para demagogia de muitos. Correio de Uberlândia, 19/08/1958).

Por esses motivos são claros e contundentes os alertas que os jornais fazem à prática populista e demagógica nos comícios, esclarecendo aos leitores como devem proceder no momento de votar. Solicitavam que não se votasse em branco, pois, poder-se-ia vir a favorecer candidatos indignos. Recomendaram a conduta honesta, esclarecendo que a venda de votos representava a própria perda da dignidade.

Tecendo o perfil do eleitor honesto, ensinaram que não se adotasse julgamentos falazes como o de que os bons políticos são os que “roubam, mas fazem” pois, ao contrário, o dever do administrador é fazer sem roubar.

Com o agravamento dos ataques inter-pessoais nos comícios devido a aproximação das eleições, e o próprio andamento da campanha eleitoral como um todo, a imprensa manifesta-se contra tais atitudes:

A propaganda política local começou, aqui, em termos civilizados. Mas, a esta altura dos acontecimentos, já descambam para o termo escabroso dos impropérios e das alusões equívocas. Desaparecem, destarte, a cordialidade.[...]Uma campanha eleitoral deve fugir à melancolia dos doestos e dos baldões, porque a sua finalidade precípua é a de esclarecimentos às massas daquilo que elas necessitam saber afim de que o elemento que vota possa escolher os seus preferidos, nas urnas de 3 de Outubro. (Repressiva a propaganda eleitoral que aí está. O Repórter. 27/08/1958).

Chamando a atenção dos detalhes mais ligados à moral e a honestidade do eleitor e do candidato, os meios institucionais fazem questão também de divulgar e esclarecer o ato de votação tecnicamente falando que:

Embora votar seja um ato quase que de rotina, o Tribunal insiste em ordenar que seja ele ensinado, cuidadosamente, para que produza efeitos legais, assim, desde o recebimento da ‘senha numerada’ das mãos do secretário, fechamento do envelope, assinatura na lista, até o depositar o voto na urna, são esclarecidos a fim de evitar dúvidas. (Pleito de Outubro. O Repórter, 02/09/1958).

Continuando a postura pedagógica, os meios de comunicação buscam esclarecer o eleitorado em questões específicas, como, por exemplo, o caso da eleição do juiz de paz: os eleitores não deveriam fazer opção preferencial pelo suplente, pois assim poderiam vir a anular o voto.

Por outro lado, o momento da campanha política mostra-se ideal para se conscientizar os eleitores da importância do seu peso eleitoral, das reivindicações que os possíveis grupos ou classes poderiam vir a fazer, como vemos neste artigo em que uma jornalista, pesquisando o eleitorado local, descobre serem as mulheres, boa parte do total votante no município:

Devíamos aproveitar a chance, não? E fazer uma das alterações políticas para melhor. [...] De início, teríamos a Escola Técnica acabada de vez. As ruas limpas. As vilas varridas. As obras terminadas para não enfearem a cidade. Até o pó de agosto seria enfrentado. [...] Enquanto o marido fala por falar, alteia a voz em comício, ela é quem dá no duro para encher o pote[...] (É provável 30% do eleitorado uberlandense, Correio de Uberlândia, 04/09/1958).

A campanha eleitoral chegava ao fim três dias antes das eleições municipais:

Com três bem concorridos comícios, encerrou-se ontem, à meia-noite, sem alterações na vida pública, a campanha política de 1958, visando aqui, a eleição de deputados federais e estaduais, de prefeito e vice-prefeito, de vereadores e de juiz de paz. [...] Planos de governo no que tange aos candidatos à Prefeitura, róseos, azuis, e verdes como a própria cor da esperança. E administrações prometidas como democráticas e progressistas, dessas que, segundo a gíria tudo farão para desenvolver o desenvolvimento. (Fim

brilhante de uma campanha eleitoral. O Repórter, 01/10/1958).

Ao final da campanha restam as expectativas últimas com relação aos possíveis vitoriosos. A partir de então, o movimento é outro, mais sério, menos provocativo.

Cada candidato possuía como porta-voz de seus projetos políticos, rádios e jornais específicos. Mas nenhum deles dispensava a participação junto ao povo em praça pública, revelando uma cultura política:

Na noite de quarta-feira a Ala Feminina da Coligação PSD/PSP, realizou na Av. Cesário Alvim, esquina com a rua Tupaciguara o seu segundo fenomenal comício pró-candidato Toninho Rezende e Paulo Lisboa e Costa. Tivemos oportunidade em verificar naquela memorável noite, a maior consagração política da história de nossa terra, enfrentando aquela enorme multidão, a torrencial chuva que desabava sobre a cidade. (Toninho Rezende agradece à mulher uberlandense pela Rádio Cultura. O Triângulo. 21/09/1958).

Esse tom efusivo da festa é ainda destacado pela participação espontânea das pessoas que estavam no comício, em uma passeata:

Entretanto, para maior surpresa do repórter, foi quando o animador do comício deu por encerrado, mas o povo continuou dando vivas e aplaudindo os candidatos da coligação, realizando logo após espontaneamente (sem qualquer preparo e sem dinheiro) a maior passeata de todos os tempos. O povo exigiu que Toninho Rezende e Paulo Lisboa descessem a pé até a sede do PSD, percorrendo as nossas principais avenidas numa passeata inigualável. Na sede do majoritário, o entusiasmo do povo prosseguiu até a 0 hora, realizando aí um novo comício (Toninho aclamado pelo povo. O Triângulo. 30/09/1958).

Nos palanques, o fato sempre ressaltado por esse candidato referia-se à sua amizade pessoal com o Presidente da República Juscelino Kubitschek. Por esse motivo, as páginas do jornal *O Triângulo* estamparam várias vezes, fotos do presidente ao lado do candidato, já que não participou ao vivo dos seus comícios. Essa era uma prática

bastante comum, ou seja, políticos experientes e conhecidos participarem de comícios em que um candidato de seu partido estivesse concorrendo às eleições.

O *Jornal Correio de Uberlândia* divulgara, por seu turno, a campanha do candidato da UDN José Fonseca e Silva. O horário e o local dos comícios era religiosamente publicado. O jornal afirmava a grande participação popular e destacava os aplausos recebidos pelo candidato.

Os motivos mais variados são justificativas para que os comícios se transformassem em festas políticas populares. No aniversário do candidato José Fonseca e Silva um grande comício e uma passeata foram assim descritos pelo jornal:

Uma passeata gigantesca ao ribombar dos foguetes, partiu da Floriano Peixoto, imediação do Posto Esso Brasília. Charretes, bicicletas, motonetas, motocicletas, caminhões, caminhonetes e automóvel, levando faixas e cartazes com o nome do candidato de cabelos grisalhos, percorrem a cidade em homenagem a José Fonseca. E por onde passava o desfile o povo aglomerado nos passeios e nas esquinas, aplaudia o nome do candidato da coligação José Fonseca e Silva. (No aniversário de José Fonseca e Silva. Comício da UDN: causa e graça popular. *Correio de Uberlândia*, 23/09/1958).

Ao final da campanha o *Jornal Correio de Uberlândia* sentencia que os alertas necessários foram feitos ao povo sobre como, porque e em quem votar, ressaltando o caminho certo para que o eleitorado realmente faça o melhor pela cidade ao eleger o candidato ideal. No entanto, nenhum dos candidatos citados foi tão eficaz em sua representação da dramaturgia política quanto Geraldo Ladeira.

A campanha de Geraldo Ladeira teve início bem anterior à dos outros candidatos. Já no mês de abril homenagens eram prestadas ao então vereador que se proclamava candidato a prefeito, revelando seu prestígio diante dos setores mais diversificados da sociedade, mas principalmente dos mais pobres e trabalhadores que, na realidade, formavam sua base eleitoral:

[...]após, dirigindo uma charrete, Geraldo Mota Batista desfilou pela cidade, em companhia daqueles homens humildes, mas honrados, sinceros e reconhecidos, levando-os ao ponto da concentração, numa das nossas 'vilas'. De parabéns

está, portanto, o candidato do povo, para o bem de Uberlândia, com a demonstração pública de apoio ao seu nome, da parte dum valoroso grupo de trabalhadores. (O candidato Ladeira foi homenageado pelos charretistas. *O Repórter*, 28/04/1958).

A grande campanha de *marketing* político de Geraldo Ladeira, chamou logo a atenção de seus adversários que acabavam, quando tentavam recriminá-lo, oferecendo-lhe maior evidência. Conforme a publicação no *Jornal Correio de Uberlândia*, “O sr. Geraldo Ladeira, após historiar a façanha da convenção pessedista que traiu seu nome, traçou com aquele seu peculiar estilo, seu programa de governo, inclusive dizendo que, se eleito, os canos da cidade não mais correrão vazios.” (Primeiro comício de Geraldo Ladeira: fraco slogan: “Para Uberlândia não parar...Ladeira precisa ganhar”. *Correio de Uberlândia*, 24/07/1958).

Geraldo Ladeira acrescentava uma nova fórmula à festa política do comício, trazendo para as ruas e praças públicas o auditório da emissora de rádio, que era, naquele tempo, ao lado do cinema, uma das poucas diversões e entretenimento das camadas mais populares da sociedade.

Além disso, a frase utilizada pelo cronista, nos programas de rádio, tornou-se popular, o que o levou a uma inquestionável vitória. Comenta o jornal *O Repórter* que, ao romper com o PSD, Geraldo Ladeira usou o microfone da Rádio Difusora para falar com seu pai em Campinas. Começou com a frase: “Alô, alô papai. Tudo azul”, e depois contou a briga com o PSD. Os adversários espalharam que o chorão tinha colocado a cabeçinha no ombro do pai e chorado.

Geraldo Ladeira não se abateu e anunciou um comício na Avenida Afonso Pena, que reuniu cerca de 2000 pessoas. Em seu discurso, afirmou sentir-se orgulhoso de poder falar com o pai todas as noites e terminou pedindo aos ‘ladeiristas’ que se cumprimentassem com a frase: “Alô, alô. Tudo azul?” “ ‘Esse- disse – foi o slogan da vitória – crianças telefonavam para seus tios e parentes pedindo que votassem em mim. Meus adversários – declarou o Sr. Ladeira acabaram arrependidos.’” (Alô, alô papai tudo azul!” – se elegeu. *O Repórter*, 27/10/1958).

Michel Maffesoli comenta que a repetição é uma astúcia que, para além da heterogeneidade das consciências, permite a coexistência. A palavra repetida que pode ser encontrada na origem do verso, do ritmo, do dito espirituoso, e podemos acrescentar, no *slogan* político, permite uma organização social, como pretensão de um modelo a ser

realizado, pois “a repetição da palavra, encontrada, por exemplo, nos ditos e frases populares, nas quadrinhas infantis e no vasto *corpus* de provérbios e vaticínios, constitui o fundamento da teatralidade”(Maffesoli, 1984:142). E, de certa forma, é a teatralidade que permite, astutamente, a permanência social.

Como podemos perceber cada candidato fez um tipo específico de campanha, mas as normas gerais foram mantidas, como a utilização dos meios de comunicação para divulgação das candidaturas, bem como dos comícios a serem realizados.

No entanto, atestamos aqui a peculiaridade da campanha do candidato Geraldo Ladeira que, surpreendendo os seus adversários, desbancou os setores tradicionais da política local, através de sua ousadia em lançar-se candidato por um partido recriado especificamente para subsidiar sua campanha, e também por dinamizar os comícios fazendo *shows*, similares aos programas de auditório das rádios, além de criar um *slogan* com forte apelo popular.

Diante disso, podemos, concordando com Maffesoli, compreender que o voto é revertido em função do espetáculo e não do argumento mais racional ou lógico.

O povo é bem mais ‘desencantado (weberiano) ou cínico (maquiavélico) do que se pensa e, à parte uma pequena parte de indivíduos, se ele vota ou não[...] não o faz ,certamente, não em função de uma teoria política fundada numa apreciação racional, mas antes a partir de um jogo de paixões, de emoções e afetos que foram ou não suscitados.(Maffesoli, 1984:142).

Prática Política

Como homem público, Geraldo Ladeira era amigo pessoal de várias personalidades políticas nacionais, ou pelo menos, divulgava seu prestígio. O que, no entanto, serviu de argumento para seus adversários o colocarem a prova, como no caso da visita de Juscelino Kubitschek a Uberlândia, quando o prefeito em viagem é impedido de recepcioná-lo:

A falta do Prefeito (eleito) Geraldo Ladeira às homenagens ao Presidente Juscelino Kubitschek, é uma prova evidente de seu desprestígio. Pessoas de vários pensamentos políticos foram homenagear o Presidente da República. Só faltou o Sr. Geraldo Ladeira que

sempre se disse amigo pessoal de JK. Onde está o prestígio de ‘copa e cozinha’ e a amizade presidencial tão gabados pelo antigo vereador pessedista? Não há desculpas aceitáveis e nem justificativas para tão estranha omissão. (Na chegada de JK: fuga do prefeito de Uberlândia prova desprestígio. Correio de Uberlândia, 18/11/1958).

Outras críticas são feitas ao seu modo, tido como original, de conduzir a campanha à prefeitura, tocando músicas que ridicularizavam os seus opositores. Essas críticas prejulgam como seria sua administração:

Já se encontra na cidade o prefeito eleito. Falando pelo rádio, Geraldo Ladeira fez chacota contra seus adversários e não esteve muito à altura da gravidade do seu cargo, embora não haja tomado posse. Ao final de suas palestras tocava um disco na intenção de fazer graça ou ser engraçado. A continuar assim, quando o ilustre comensal do colete estiver na prefeitura e lhe for endereçada uma reclamação por falta d’água, ele mandará tocar o disco ‘Lata d’água na cabeça...; quando alguém protestar contra a falta de iluminação pública, terá que ouvir no horário das 18:15 o ‘Luar de Paquetá’ e, ainda se os diaristas da prefeitura se queixarem contra os seus baixos salários, que além de baixos costumam atrasar, terão que ouvir os mesmos diaristas e suas famílias a famosa melodia: ‘Amélia que era mulher de verdade...’ Será essa uma nova maneira de administrar? A administração será na base da anedota e a frase do homem público moderno não será a do romano que dizia: Pão e circo. Será pelo novo sistema apenas circo. (Laderia: Prefeito atenderá com música. Correio de Uberlândia, 04/12/1958).

Por essas considerações acima compreendemos que, a partir de eleito, as atitudes de Geraldo Ladeira teriam de ser alteradas. Não poderia mais ser o homem popular que ironizava os adversários e fazia rir os ouvintes. Mas um político sério e competente. No entanto, conforme Maffesoli, existe uma dramaturgia política, que revela que a ordem do político não repousa, totalmente, num objetivo racionalista (1984:140).

Outro aspecto, além do humorístico, utilizado por Ladeira, como forma de dar suporte à sua candidatura, foi a exteriorização de sua religiosidade. O jornal registra o ato solene de colocação da imagem da Nossa Senhora Aparecida em uma das paredes do gabinete oficial:

O chefe do executivo municipal, que tem essa santa como madrinha invocou por várias vezes o auxílio na campanha política que precedeu a sua vitória eleitoral em 03 de outubro do ano findado. Entronizando agora a imagem no local desempenha mais assiduamente as funções do seu cargo, o Sr. Mota Batista demonstra que é de fato homem de crença religiosa e que tem de preferência fé na Santa de que é afilhado. (Colocado no gabinete da Prefeitura a Imagem de N. Sra. da Aparecida, O Repórter, 03/12/1959)

Segundo Maffesoli o simbolismo político e o simbolismo religioso são bastante próximos. Há na ordem do político uma liturgia e uma iconografia, como nas cerimônias religiosas. “Esse espetáculo do político é particularmente evidente em períodos eleitorais onde, graças à ajuda de diversos meios de informação suplanta de longe o que se conhece como espetáculo de variedades.” (Maffesoli, 1984:140)

Ao lado do aspecto religioso de sua campanha, existiu também, como já podemos notar, o aspecto lúdico – do jogo, da brincadeira, da alegria, do carnaval. Assim é feita a festa de posse do prefeito:

Trata-se da realização de uma grande festa de carnaval, oferecida ao povo em Praça Pública e – possivelmente – com a presença de Emilinha Borba e outros grandes cartazes da radiofonia brasileira. A posse de ‘Ladeira’ terá assim, seu início marcado com um autêntico carnaval popular. (Posse de Ladeira festa para o povo. Correio de Uberlândia, 15/01/1959).

A estratégia dos seus opositores para lidar com a grande aceitação popular deste tipo de postura política, leva-os agressivamente a analisar a participação do prefeito em reuniões públicas. Quando Geraldo Ladeira vai a um congresso na cidade de Unaí, retorna dizendo ter projetado enormemente o nome de Uberlândia. O jornal *O Triângulo* comenta esta declaração em termos de dúvida, em função das “reduzidas e poucas as capacidades intelectuais do prefeito local” e, para se referendar, transcreve a notícia de 15 de março de 1959 do *Jornal Tribuna de Paracatu*.

‘Na reunião de prefeitos em Unaí, quando o prefeito de Paracatu terminou sua oração e após haver encaminhado à mesa uma série de reivindicações para nossa região, o prefeito de Uberlândia ocupou o microfone para declarar que o sentido da reunião era o de debater problemas comuns e não apenas o interesse local. Aí o Dr. Walmir queimou na parada e voltou a ocupar o microfone para indagar o ilustre Prefeito de Uberlândia, se pleitear junto ao Banco do Brasil aumento de limite para a lavoura e a pecuária era um problema local. Se pedir o reinício das obras de nosso ginásio, que virá beneficiar toda esta região desprovida de um estabelecimento secundário, era um problema local! O Prefeito de Uberlândia silenciou e o nosso Prefeito voltou sorridente a ocupar sua poltrona.’ Este é o artigo. As conclusões que as tirem os nossos eleitores. (Como Geraldo Ladeira projetou Uberlândia em Unaí. O Triângulo, 29/03/1959).

A necessidade de construção de um universo simbólico em torno do poder municipal foi também outro aspecto que caracterizou a política de Geraldo Ladeira. Em sua gestão foi elaborado um projeto de Lei para criação de símbolos, armas e brasões para a cidade, que foi acolhido e aceito na Câmara Municipal de acordo com o seguinte parecer:

Somos de parecer que se aprova o presente Projeto de Lei, que vem somar uma lamentável falha na história de Uberlândia.

Há muito que se faz sentir a falta de símbolos, armas e brasões para nossa cidade. Neste sentido tomamos a liberdade de lembrar ao ilustre autor da Lei, não se esquecer ao se organizar o concurso que seja motivo principal ao trazer da cidade, o seu cunho nacionalista e regionalista. (Câmara Municipal de Uberlândia. Parecer da Comissão de Educação e Saúde. Processo n.1365. Projeto 1112, 22 de Outubro de 1959).

Outro fato interessante, relacionado a este mesmo aspecto, foi a homenagem a Felisberto Alves Carrejo ao aniversário da cidade:

O prefeito municipal, Sr. Geraldo Ladeira, na oportunidade do aniversário da cidade, numa homenagem do Município ao fundador de 'São Pedro de Uberlândia' Felisberto Alves Carrejo mandou que fossem confeccionados os quadros do ilustre bandeirante do interior. Um dos bonitos quadros encontra-se exposto nas vitrines de 'A Goiania' à visitação pública. (Gabinete do Prefeito: Felisberto Alves Carrejo. Correio de Uberlândia, 24/03/1959).

Esse ato exemplifica a importância dada por Geraldo Ladeira e personalidades políticas, ao ressaltar suas ações e revelar sua participação na história local.

Outras críticas feitas ao prefeito referiam-se ao jeito 'bonachão' com que este tratava as coisas públicas, esquivando-se de resolver os problemas de infra-estrutura que a cidade enfrentava, como podemos notar através deste artigo que o compara, não casualmente, ao ex-presidente Getúlio Vargas:

Quando o saudoso presidente Getúlio Vargas ocupara o poder, discricionariamente atribuiu-se-lhe uma expressão que ganhou a boca do povo, com relação ao respeito às leis democráticas. É que o saudoso caudilho gaúcho teria dito certa vez:

- A lei, ora, a lei...

Agora, com relação aos buracos existentes em todas as ruas de Uberlândia, atribuiu-se ao nosso simpático e sorridente prefeito uma expressão parecida, mas devidamente adaptada. Afirmam muitos que G. Ladeira, no rádio sobre os buracos, apenas limita-se a exclamar, confiando o charuto:

- Os buracos? Ora, os buracos!...(Os buracos? Ora, os buracos!...Correio de Uberlândia, 01/08/1959).

No sentido de minimizar as críticas à sua atuação enquanto prefeito, Geraldo Ladeira evoca seu espírito modernizador, destacando, em seus discursos, a importância que dá aos elementos que reforçam este caráter:

Na última reunião do Rotary Club de Uberlândia, usando a palavra, o prefeito-rotariano-fazendeiro-radialista Geraldo Ladeira fez questão de afirmar

que havia chegado há poucos instantes, voando pela 'Scandia', tipo de aeronave cuja descida em Uberlândia é agora possível graças à pista asfaltada, recém inaugurada. (Prefeito Gostou Scandia. Correio de Uberlândia, 27/09/1959).

Embelezar a paisagem urbana, dando outro aspecto à cidade, também foi pretensão do prefeito Ladeira, que no ano de 1959, instalou uma árvore de natal na Av. Afonso Pena, divulgando por todos os meios de comunicação local o fato:

A 'árvore de Natal' que tanta beleza e graça vem dando à paisagem noturna da Av. Afonso Pena, trecho da Praça Tubal Vilela, não custa um tostão sequer aos cofres do município. O comércio e a indústria de Uberlândia atendem à solicitação do Prefeito Municipal, Sr. Geraldo Ladeira e, desta maneira, erguem-se no principal logradouro um pinheiro para a alegria de todos e, especialmente da criança uberlandense. (Gabinete do Prefeito: Nem um real. Correio de Uberlândia, 20/12/1959).

Outro fato destacado pela prefeitura é a instalação do luminoso da "Pirelli" que embeleza a cidade e a moderniza:

É com satisfação que o Departamento Municipal de Imprensa registra a instalação e o pleno funcionamento do artístico luminoso de propriedade da 'Pirelli' nos altos do Ed. Tubal Vilela. Uberlândia não se pode negar, já conquistou o direito de ser chamada 'cidade neon' obra retumbante do espírito evolutivo de seu povo. (Gabinete do Prefeito: Luminoso. Correio de Uberlândia, 22/12/1959).

Ressaltando o aspecto festivo de seu governo, o Prefeito Geraldo Ladeira patrocinou, em 1960, as festas carnavalescas, que foi noticiado com estardalhaço pelo órgão da imprensa oficial da prefeitura:

O Departamento Municipal de Imprensa já deu início à propaganda do Carnaval de 1960. As emissoras e jornais de Uberlândia e da região deverão emprestar, como sempre, sua inestimável colaboração. Total cobertura dos dias de Momo prometem as emissoras uberlandenses, aliás já numa tradição no ano 'sem fio' uberlandense. Trabalhando em praça pública.

Um gigantesco tablado será construído pela Prefeitura Municipal em uma de nossas praças para a alegria dos foliões. Grandes noitadas carnavalescas sob a égide do município numa das realizações turísticas já efetivadas em Uberlândia. (Gabinete do prefeito: Notas – Saguão da Prefeitura. Correio de Uberlândia, 03/01/1960).

Procurando com isso estimular o turismo, e também transformar Uberlândia em uma cidade de diversão, é apresentado projeto à Câmara dos Vereadores para se criar um “Serviço de Turismo, Recreação, Imprensa e Propaganda”. Dentre as finalidades deste setor estaria a de atrair visitantes nacionais e estrangeiros através de um processo de divulgação: “Organizar concursos públicos de festejos, de cartazes de propaganda, de festividades populares e tradicionais, prêmios, cordões e fogos de artifício, nas festas de interesse etnológico ou popular, dentre outras.” (Câmara Municipal de Uberlândia: Projeto Lei n. 1172 que cria a Prefeitura, um serviço de Turismo, Recreação, Imprensa e Propaganda. 26/08/1960 e 10/08/1961)

Outras críticas relacionadas ao prefeito Geraldo Ladeira basearam-se no fato de ser um viajante, permanecendo pouco tempo na cidade para resolver os problemas locais. O prefeito ausentava-se das questões locais indo ao Rio de Janeiro e, posteriormente, a Brasília para resolver questões políticas, ou a Campinas, em assuntos familiares, ou a Rio Verde e Jataí (Goiás) onde possuía outras emissoras radiofônicas. No entanto, estas críticas não o impediram de requisitar junto à Câmara Municipal, licença para visitar os Estados Unidos, com apenas um ano de mandato.

A licença do prefeito serviu não somente como debate inflamado na Câmara dos Vereadores, como também motivo de chacota, como podemos constatar na simulada entrevista com Ladeira em sua volta:

P – V. Excia. Gostou dos Estados Unidos?

R – Gostei muito. Principalmente dos xicletes e da coca-cola [...]

P – E o que diz do rádio norteamericano, já que v. Excia. é também radialista?

R – O rádio americano é muito bom. Não usa valva. Tem uns tar de transmissor que é o treco. Coisa louca mesmo.

P – E o que manda dizer aos uberlandenses?

R – Uai – pode mandar dizer prô Angelino que tô levando radinho pra ele. E outro pro Ari também. E diz ao comendador Libório pará de me gozá, por fim dizer ao dotor Renato de Freitas que chego breve e então ele terá assunto prá falá na rádio dele, a tar que diz que é em outra finalidade. (Cama de Gato (Comendador Libório e Cia Ltda). Correio de Uberlândia. 29/05/1960).

Previam-se outras viagens, e os virulentos opositores políticos do prefeito municipal, principalmente da UDN, comentavam as possibilidades e enfatizavam o benefício que isso traria a cidade, já que assim, o seu vice, Raul Pereira, poderia administrá-la por um tempo mais longo e mostrar sua capacidade:

Após um ‘raid’ pelo grande país ianque dos foquetes e de Marilyn Monroe, nosso sorridente e dinâmico prefeito, que se interessa tão pouco pelos problemas da cidade que o elegeu, prepara-se para uma nova excursão pelo exterior. Desta vez vai à Europa[...].A notícia ainda figura no plano hipotético, todavia ao que tudo indica transformar-se-á em realidade. Novamente Uberlândia será governada com austeridade e tirocínio pelo vice-prefeito Raul Pereira, que com tanta classe administrou Uberlândia quando do último passeio subvencionado ao ‘globbe trotter’ que os uberlandenses elegeram prefeito em 3 de outubro de 1958.(Prefeito vai fazer novo ‘raid’ pelo exterior: agora Europa. Correio de Uberlândia, 13/08/1962).

Se, por um lado, temos estas constantes críticas aos atos do prefeito, por outro, certos segmentos e setores da sociedade valorizam e respeitam suas habilidades. É isto que vemos constatado em alguns dos trechos de um texto elaborado em comemoração ao seu aniversário, lido na Rádio Difusora e publicado no Jornal *O Triângulo*:

Homem de profunda convicção democrática, passado a orador da batalha política, cuidou apenas de trabalhar para bem comum, e se orgulhar de chegar ao fim de seu mandato sem qualquer inimigo. Foi amigo de seus amigos e correto e cavalheiro com seus adversários. Não fez do cargo veículo de perseguição para quem quer que seja. É um homem tranqüilo consigo

mesmo e retornará a labuta do dia a dia cercado de admiração e respeito. [...] E essa mesma história tratará de cultuar seu nome, como um dos mais notáveis administradores que o município já teve, que embora açoitado pelos ventos da incompreensão e da inveja, soube cumprir com dignidade a tarefa que lhe foi confiada. (Dely Azevedo. Aniversário do Prefeito. O Triângulo. Geraldo Ladeira. 23/12/1962).

Podemos observar, pois, que a transformação desse homem em personagem político caracteriza, nesta sociedade, na qual os meios de comunicação social começam a fazer parte do cotidiano popular, um marco e, ao mesmo tempo, uma ruptura nas antigas formas e práticas políticas. Considerando-se “porta-voz dos anseios populares”, Geraldo Ladeira adentrando na vida pública, consegue por fascínio ou desilusão, demonstrar os novos rumos que a cultura política seguiria a partir de então.

Ao responder os adversários com músicas, transformar o carnaval em grande festa popular, criar um setor especial para cuidar do turismo e da recreação no município, Geraldo Ladeira pretende dar continuidade ao projeto apresentado em praça pública nos comícios, organizando e promovendo espetáculos.

O ritual e o simbólico também são privilegiados pelo prefeito, ao entronizar a santa de sua devoção em seu gabinete, ao inaugurar uma árvore de natal, ao propor a criação de símbolos, armas e brasões para a cidade e ao homenagear o fundador oficial da cidade.

No entanto, sua prática política não será compreendida, o que resulta em severas e irônicas críticas de seus adversários, em sua derrocada política, já que não conseguirá ser novamente eleito para um cargo público. Como afirma Maffesoli: “A sociedade enquanto interação de elementos heterogêneos que negociam sua presença mútua nada mais é do que uma vasta ‘representação’, onde os ‘papéis’, se trocam, se sucedem, se opõem, se eliminam etc.”(1984:137)

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. A língua radiofônica. In: *O empalhador de passarinhos*. São Paulo: Martins Fontes/INL-MEC, 1972.
- BENEVIDES, Maria Victória M., *A UDN e o Udenismo*: ambiguidades do liberalismo brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BOITO Jr., Armando. *O Golpe de 54: a burguesia contra o populismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A. (Org. Geral). SCHWARZ, Lilia Moritz (Org.volume). *História da Vida Privada no Brasil*. Vol.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.490-558

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.